

49ª SONDAGEM NACIONAL
DA INDÚSTRIA DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Novembro de 2011

SindusCon  **SP**
o Sindicato da Construção



Cautela quanto ao futuro

Contraste entre os indicadores de oferta e demanda marca a Sondagem de novembro

Robson Gonçalves

Como em todos os anos, a edição de novembro da Sondagem Conjuntural da Indústria da Construção agregou ao conjunto tradicional de questões feitas aos empresários do setor perguntas relacionadas às perspectivas para o próximo ano.

Lidas em conjunto, as respostas dos empresários refletem com clareza o atual momento vivido pela construção, marcado por um ritmo menor e mais seguro de crescimento. Ao mesmo tempo, revelam algumas inquietações relacionadas ao ritmo de expansão da demanda nos meses à frente.

Os indicadores de desempenho e perspectivas de desempenho apresentaram piora tanto na comparação com o trimestre anterior quanto no confronto com novembro de 2010. No entanto, ambos permanecem no campo do otimismo (isto é, acima de 50). Nas palavras de Eduardo Zaidan, diretor do SindusCon-SP, “esse é um padrão natural e esperado de acomodação do sentimento dos empresários da construção”. Isso porque, segundo ele, “ninguém imaginava que o ritmo de crescimento registrado em 2010 fosse se manter; estamos apenas menos otimistas, mas a expansão continua, sobretudo no que se refere ao emprego, só que em ritmo menos intenso”.

Esse otimismo moderado, fruto de um processo de acomodação no qual a construção está encontrando um ritmo seguro de crescimento, também se reflete no indicador de evolução dos custos, que melhorou sensivelmente em ambas as bases de comparação.

No âmbito macroeconômico, apesar de preocupações crescentes com inflação e crescimento, os empresários da construção permanecem otimistas quanto à condução da política econômica. João Carlos Robusti, ex-presidente do SindusCon-SP, afirma que esse sentimento é fruto de um importante patrimônio de credibilidade de que dispõe o governo. “A política econômica na gestão Dilma tem se mostrado comprometida com o desenvolvimento; por isso, os empresários redobram suas apostas na capacidade do governo de conduzir essa política, mesmo no atual contexto de crise externa; a preocupação com a inflação é compreensível em nosso setor, mas não está afetando de forma negativa a confiança na gestão da política econômica”, afirma.

Por sua vez, as questões extras, relacionadas às perspectivas para o próximo ano, deixam claro o contraste atual entre a melhoria nas condições de oferta e as cautelas quanto ao comportamento futuro da demanda.

Assim, melhoraram as expectativas dos empresários quanto ao fornecimento de materiais e à obtenção de mão de obra qualificada. No caso específico dos materiais, o indicador apurado pela Sondagem voltou ao campo otimista (acima de 50) no caso do Estado de São Paulo e se aproximou do limite mínimo do pessimismo na média nacional. Já no que se refere à obtenção de mão de obra, o sentimento ainda é de grande pessimismo. Mas houve sensível melhora na comparação com novembro de 2010. Ainda no que se refere à oferta, os empresários se mostram confiantes quanto às perspectivas de investimento, tanto em máquinas e equipamentos quanto em novas tecnologias, apesar da queda desses indicadores na comparação anual.

As maiores inquietações com relação ao próximo ano se concentraram do lado da demanda. A queda nos indicadores de expectativas quanto ao crédito imobiliário e a lançamentos para média e baixa renda superou os dois

dígitos. No entanto, mais uma vez, é preciso ler esses números com atenção. Os empresários do setor revelaram somente um nível menor de otimismo quanto a essas variáveis. Portanto, a melhor definição para seu sentimento é cautela. Segundo Sergio Watanabe, presidente do SindusCon-SP, “os empresários esperam que, no próximo ano, o governo continue atento às demandas do setor para sustentar o crescimento; ainda há muito o que fazer, tanto no campo macroeconômico – caso típico dos programas habitacionais – quanto no campo microeconômico – especialmente no que se refere aos estímulos à competitividade das empresas da construção”.

Olhando para o futuro

Desempenho e perspectivas das empresas da construção¹

	Brasil			São Paulo		
	Mês	Variação (%)		Mês	Variação (%)	
	Nov.11	Trimestre	Ano	Nov.11	Trimestre	Ano
Desempenho da empresa	53,6	-2,2%	-4,1%	53,1	-1,1%	-2,4%
Dificuldades financeiras	54,0	0,1%	3,4%	54,9	0,1%	2,9%
Perspectivas de desempenho	56,0	-1,9%	-6,3%	55,7	-0,7%	-5,4%
Perspectivas de evolução dos custos	48,0	9,3%	20,5%	49,1	9,5%	20,6%
Condução da política econômica	50,4	5,8%	-1,7%	51,6	8,5%	0,4%
Inflação reduzida	40,4	5,0%	-14,8%	40,3	3,2%	-16,0%
Crescimento econômico	48,4	1,1%	-18,9%	49,0	3,0%	-17,7%
Crédito imobiliário	53,8	-	-16,1%	53,5	-	-16,3%
Lançamentos para média/baixa renda	61,6	-	-10,8%	62,0	-	-11,0%
Obtenção de mão-de-obra qualificada	26,0	-	41,6%	26,7	-	42,9%
Fornecimento de materiais de construção	49,5	-	22,0%	50,2	-	22,1%
Investimento em novas tecnologias	60,5	-	-2,8%	59,8	-	-4,4%
Investimento em máquinas e equipamentos	57,6	-	-1,7%	57,2	-	-2,0%

Fonte: SindusCon-SP/FGV Projetos. ¹Os dados apresentados na tabela estão dispostos numa escala que vai de “0” a “100”, tendo o valor “50” como centro. Isso quer dizer que valores abaixo de “50” podem ser interpretados como um desempenho, ou perspectiva, não favorável. No caso de dificuldades financeiras, no entanto, valores abaixo de “50” significam dificuldades menores.